

Ensaio sobre a mistagogia do sacramento do batismo

EDUARDO NUNES PUGLIESI¹

Resumo: Este ensaio teológico analisa a importância de que a Iniciação na fé cristã aconteça no ritmo de um processo mistagógico porque ele é o fundamento sobre o qual se ergue o discipulado e o transcorrer da vida missionária dos cristãos.

Palavras-chave: Batismo; Mistagogia.

Abstract: this theological essay analyses the importance that the initiation in Christian faith develops in the rhythm of a mystagogical process because it is the fundamental in which rises the discipleship and the flow of Christians missionary life.

Keywords: Baptism; Mystagogy.

“A beleza salvará o mundo”, afirma Dostoiévski a uma personagem de uma de suas novelas². Tal afirmação parece ser razoável

1. Graduado em Filosofia pela Faculdade São Luiz/Brusque e em Teologia pela Faculdade Dehoniana/Taubaté. Presbítero da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos).
2. FIÓDOR DOSTOIÉVSKI *apud* Alderi Souza de MATOS, *A beleza salvará o mundo (online)*, 2013, disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/343/a-beleza-salvara-o-mundo>>, acesso em: 04 de abril de 2018.

e ter aplicabilidade a uma série de campos da existência humana. Para além da banalização estética e do exibicionismo fútil, “todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus”³. Partindo da afirmação da beleza entendida como comunicação do Mistério de Deus que deseja salvar o ser humano, constatamos a urgente necessidade de redescobrir a estética como elemento aliado à tarefa de celebrar em profundidade o Sacramento do Batismo e de realizar uma catequese verdadeiramente mistagógica. Os familiares das crianças e também os catecúmenos adultos deveriam ser conduzidos por bem formados mistagogos através da *via pulchritudinis*⁴.

O Batismo existe, antes de qualquer teologização, na forma experimentada, celebrada, orante. O axioma latino *Lex orandi Lex credendi* serve-nos bem para explicitar esta realidade. A Igreja crê aquilo que ela reza e celebra. O desenvolvimento sistemático da teologia em torno do Batismo é posterior à experiência que dele fizeram os discípulos de Jesus Cristo, nos primórdios de nossa fé. Mesmo que esta sistematização já seja “robusta” em nosso tempo, a maioria dos crentes não está ocupada em abordar o Batismo no âmbito do estudo teológico, mas sim em celebrá-lo, mesmo que haja diferentes intensidades de adesão à graça que ele significa e atualiza. O primeiro parágrafo da encíclica *Deus caritas est* afirma: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”⁵. Assim, o Batismo é antes celebrado e depois estudado. Disto, podemos concluir que é extremamente importante que a Liturgia Batismal e a catequese que para ela prepare sejam “estruturas” facilitadoras do acesso ao mistério da Salvação oferecida por Deus.

Como afirmou Karl Rahner, “o cristão do futuro ou será um místico ou não será cristão”⁶. Em tempos de pós-modernidade, re-

3. FRANCISCO, *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 2013, n. 167.

4. Do latim, “caminho da beleza”.

5. BENTO XVI, *Carta Encíclica “Deus Caritas Est” sobre o amor cristão*, 2006, n.1.

6. Francisco TABORDA, “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos”, in *REB - Revista Eclesiástica Brasileira (Sacramentos e evangelização)* 255 (2004), p. 43.

pletos de uma cultura secularizante, que trata a religiosidade como “objeto de consumo” e é descrente das “grandes sínteses”⁷ que sempre tiveram o intento de conferir uma “razão forte”, um sentido às sociedades, o cristianismo vê-se envolto num grande desafio. Restringindo nossa abordagem ao cristianismo de matriz católica, não podemos julgar com ímpeto que, exatamente a celebração de adesão à fé, estaria imune a esta crise provocada pela pós-modernidade.

A cultura secularizante, relega a temática de “Deus” ao campo do desnecessário, prezando por uma grande autonomia humana⁸ ou, no máximo, admite que tal “hipótese” diga respeito à esfera privada. Comparada aos demais produtos que são enfileirados nas prateleiras do mundo capitalista, a religião se afigura como uma proposta de alívio subjetivo. “Não se trata de optar por uma religião entre outras possíveis, mas de catar aqui e ali, em cada religião, os elementos que satisfaçam o indivíduo”⁹. Nestes tempos, tudo é fragmentário e não se deseja mais a adesão às “grandes sínteses” promotoras de sentido espiritual e ético. As “pequenas narrativas”, fragmentárias e desvinculadas do “todo” parecem ser “mais intuitivas, participativas, sinfônicas e simbólicas”¹⁰.

Retomando a intuição de Rahner, citada acima, vemos que o modo de “sobrevivência” do cristianismo e a condição de possibilidade de um anúncio eficaz de sua proposta de Salvação se encontra no desenvolvimento de uma *mistagogia*. Tal desenvolvimento que é uma tarefa sempre urgente para o presente e para o futuro, desvela-se

-
7. Cf. João Batista LIBANIO, *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*, 2003, p. 34.
 8. Vemos o desejo de autonomia humana desdobrado numa moral imanentista presente na seguinte ideia apresentada por Bauman: “Como observou Arthur Schopenhauer, a realidade é criada pelo ato de querer; é a teimosa indiferença do mundo em relação à minha intenção, a relutância do mundo em se submeter à minha vontade, que resulta na percepção do mundo como ‘real’, constrangedor, limitante e desobediente. [...] Sentimo-nos livres à medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nenhuma e nem os outros ultrapassam a nossa capacidade de agir” (cf. Zygmunt BAUMAN, *Modernidade líquida*, 2001, p. 26).
 9. Francisco TABORDA, “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos”, in *REB - Revista Eclesiástica Brasileira (Sacramentos e evangelização)* 255 (2004), p. 42.
 10. Leonardo BOFF, *Dignitas terrae: Ecologia, grito da terra e grito dos pobres*, 2004, p. 43.

também como uma reverência pelo caminho empreendido no passado, pelos Padres da Igreja, entre eles, São Cirilo de Jerusalém († 386), exímio mistagogo. Tal desenvolvimento comporta, como vemos, um “retorno às fontes”. Uma catequese mistagógica e uma celebração baptismal repleta de mistagogia é uma realidade que “leva além da letra da Escritura e dos sinais da liturgia, até a realidade mesma daquilo que uma e outra designam, e que está oculto em Deus”¹¹. Assim afirmou João Paulo II: “Diante deste anseio pelo encontro com Deus, a Liturgia oferece a resposta mais profunda e eficaz. Todavia, é necessário que os pastores façam com que o sentido do mistério penetre nas consciências, voltando a descobrir e praticando a arte ‘mistagógica’, tão querida para os Padres da Igreja”¹².

Contra a secularização, a catequese preparatória para o Batismo (e demais sacramentos) deve ser, não uma transmissão de conteúdos à maneira de uma aula, mas sim um momento de aprendizado, já todo ele celebrativo. Não se pode dar espaço à vulgarização na qual se perde o sentido do sagrado. Deve-se, antes, salvaguardar espaço para a beleza¹³ que “deve visar mais à nobre simplicidade do que à pompa”¹⁴. “Todo belo, de algum modo, participa da Beleza de Deus e no-la comunica silenciosamente, aproximando-nos dele”¹⁵. Tal senso de beleza deve estar presente na construção e manutenção dos locais próprios para a catequese e para o culto, no material utilizado na transmissão de conhecimento (impressos, slides, etc.), nos objetos e vestes litúrgicas, na escolha e execução dos cânticos, na proclamação das leituras bíblicas, no modo de transmitir a mistagogia na catequese

11. Jean-Yves LACOSTE, “Mistagogia”, in _____, *Dicionário crítico de teologia*, São Paulo, 2004, p. 1162.

12. JOÃO PAULO II, *Carta apostólica “Spiritus et Sponsa” (online)*, 2003, n. 12, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2003/documents/hf_jp-ii_apl_20031204_spiritus-et-sponsa.html>, acesso em: 20 de março de 2018.

13. Vale o apontamento realizado em SC 122: “As artes, por sua própria natureza estão relacionadas com a infinita beleza de Deus a ser expressa de certa forma pelas obras humanas. Tanto mais podem dedicar-se a Deus, a seu louvor e à exaltação de sua glória, quanto mais distante estiverem de todo o propósito que não seja o de contribuir poderosamente na sincera conversão dos corações humanos a Deus”.

14. CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO, *Instrução geral sobre o missal romano*, 2004, n. 292.

15. José ALDAZÁBAL, *Gestos e símbolos*, 2005, p. 293.

e no “presidir” a celebração.

A retomada da mistagogia na catequese e na liturgia deve também se subtrair à tentação de transformar-se num produto agradável “a qualquer preço” ao público participante. “Não é possível reduzir a liturgia ao âmbito das necessidades antropológicas”¹⁶. O mesmo se diga das catequese preparatórias para o Batismo. Ambas devem ter tom profético; trata-se de um “anúncio” de uma mensagem de Salvação que é anterior e maior que o anunciador e que os interlocutores. A catequese prévia e a homilia das celebrações batismais não devem ser um mero ensinamento.

O ensinamento, por si só, visa ou à simples comunicação à inteligência dos outros de conceitos por via do raciocínio, ou ao adestramento técnico na execução de atos externos numa determinada matéria. A pregação, no entanto, visa persuadir a inteligência, mas em vista de arrastar ao afeto e à vontade. [...] Para arrastar o afeto e a vontade dos homens para Deus, o pregador transmite a eles essencialmente o conhecimento de um acontecimento [...]: a irrupção de Deus na história, em Cristo¹⁷.

A mistagogia ao redor do Batismo não deve ceder à tentação de propor uma “pequena narrativa”, como se o tema da “Salvação” fosse um mero “socorro imediato” às necessidades latentes. Isto significaria “contentar-se acriticamente com o fragmento”¹⁸. Com isto, porém, não se quer afirmar que Jesus não esteja atento misericordiosamente às necessidades cotidianas de seus fiéis¹⁹. Entretanto, na fé, todos devem se sentir chamados a resignificar as vicissitudes da vida dentro de uma dimensão mais abrangente que envolve integralmente a história humana e tem uma incidência, inclusive, cósmica.

16. Francisco TABORDA, “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos”, in *REB - Revista Eclesiástica Brasileira (Sacramentos e evangelização)* 255 (2004), p. 45.

17. Cipriano VAGAGGINI, *O sentido teológico da Liturgia*, 2009, p. 735.

18. Francisco TABORDA, “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos”, in *REB - Revista Eclesiástica Brasileira (Sacramentos e evangelização)* 255 (2004), p. 45.

19. Basta perceber a solicitude de Jesus para com doentes e pecadores: Mt 4,24; 8,16; 9,35; 14,14; 15,30; 21,14; Mc 5,25-34; 8,38; Lc 5,17; 11,13; 15,1 Jo 3,17; 8,7; 8,24; entre outras.

Deste modo, o mistagogo (seja ele, o catequista ou o ministro do Batismo) deve procurar ser bem formado. Qualquer tipo de mediocridade nas convicções ou na transmissão destas pode ocasionar o “desastre” de não possibilitar aos que buscam os sacramentos o aprofundamento na fé. Tal fé lhes proporcionaria uma nova visão sobre o mundo e sobre a própria vida. Em suma, o mistagogo deve inserir o fiel na “grande narrativa”, fazendo-o notar, na fé, que a *Historia salutis* abrange também o mistério de sua história pessoal²⁰.

Ademais, estamos certos de que os sinais sacramentais devam ser ricos em expressividade. Esta qualidade dos sinais deve comunicar o mistério e ser apreendido pelos sentidos dos partícipes. Seja a audição, tocada pela beleza dos cantos, pela sensibilidade de quem convida à prece, pelas leituras bem pronunciadas e pelo silêncio sagrado; seja a visão, encantada pela beleza do lugar, pela simplicidade-nobreza dos objetos e gestos; seja o tato estimulado pelas unções e pela abundância do banho batismal; ou ainda, o olfato que se deleita pela limpeza do local de culto e com a fragrância do óleo do Crisma; tudo, enfim, deve comunicar a beleza, a Palavra, o “toque” (cf. Lc 8,46) e o “bom perfume de Cristo” (cf. 2 Cor 2,15).

Tratando especificamente do banho batismal²¹, é necessário recordar que “o sinal humano que desde o princípio foi escolhido para significar o que acontece no Batismo cristão é a *imersão na água*. Submergir, atravessar, passar para a outra margem, entrar e sair”²². A importância da água para a vida humana é, antes de tudo, biológica, e este dado é incontestável pela experiência cotidiana de cada ser humano. Em nossos tempos, com o crescimento populacional e

20. A oração de bênção da água para o Batismo é de uma eucologia muito rica. Ela possui uma estendida anamnese que recorda a História da Salvação. Ela cita desde as águas primordiais da criação, sobre as quais o Espírito pairava (cf. Gn 1,2), passando pelo episódio do Dilúvio que renovou a humanidade e toda a criação (cf. Gn 7,6 – 8,22), pela travessia do mar Vermelho (cf. Ex 14,15-31), prefiguração da integral libertação que se daria com o advento de Cristo que, por sua vez, mandou batizar (cf. Mt 28,19) e, na cruz, “de seu coração aberto pela lança fez correr sangue e água” (cf. Jo 19,34). Observe-se: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Ritual de iniciação cristã de adultos*, 2002, p. 96.

21. Não pretendemos nos delongar, apenas por questão de método, acerca de outros sinais presentes na Liturgia Batismal que também são prenhes de mistério: unções, luz e vestes batismais.

22. José ALDAZÁBAL, *Gestos e símbolos*, 2005, p. 25.

mudanças climáticas, o gerenciamento da água potável é um tema sempre em pauta em muitos organismos internacionais²³.

Mais além da abordagem biológica e social, a água é uma temática recorrente em uma infinidade de tradições religiosas. “As religiões desenvolveram uma relação vital e simbólica com a água, [...] porque sua *virtus* tem uma eficácia distinta e única: enquanto o fogo purifica e limpa porque decompõe, [...] somente a água os reduz ao estágio germinal, recompondo-os como algo totalmente recriado”²⁴.

Na tradição judaico-cristã não é diferente. “A água percorre a Bíblia do começo ao fim: da protologia (tradições javista e sacerdotal) à escatologia (de acordo com Ap 22,1-2; cf. Ez 47,1-12). O verbete “águas” aparece 580 vezes no Antigo Testamento hebraico e por volta de 80 vezes no Novo Testamento”²⁵. E isto sem contar os verbetes associados, tais como “rios”, “mares”, “fontes”, “mananciais”, etc. Com todos estes elementos, notamos que a água, apesar de seu simbolismo ambivalente, passou para a tradição bíblica como sinal extremamente eloquente de salvação.

É por isso que a *imersão* comunica mais que a *infusão*, embora ambas as formas sejam canonicamente válidas²⁶. “O banho em água (e não só umas gotas que tocam a cabeça) pretende indicar uma purificação e uma renovação totais. [...] Se fizermos o gesto com autenticidade, poderemos entender a teologia de Paulo sobre o Batismo como imersão com Cristo na morte e ressurreição para a vida nova”²⁷. Assim, água limpa, em temperatura agradável e em quantidade abundante ajudam na comunicação do mistério. Opinamos que seria preferível a prática da *imersão*, pelas razões brevemente expostas, e sobretudo por ser o modo mais remoto. Mas mesmo sua adaptação pastoral, a *infusão*, pode comunicar bem se for realizada com decoro.

Assim, se as comunidades, catequistas e ministros se preocupa-

23. Indica-se conferir este relevante artigo científico: Antonio Aparecido ALVES, “A questão da água: uma abordagem ético-social”, in *TQ - Teologia em questão* 4 (2003), p. 7-14.

24. Marcial MAÇANEIRO, “A água nas religiões: sacralidade, vida e regeneração”, in *TQ - Teologia em Questão* 4 (2003), p. 55-60.

25. Mariano WEIZENMANN, “Águas na vida, águas na Bíblia”, in *TQ - Teologia em Questão* 4 (2003), p. 15.

26. CIC can. 854.

27. José ALDAZÁBAL, *Gestos e símbolos*, 2005, p. 25.

rem apenas com a transmissão de dados intelectuais sobre a doutrina católica ou com as condições mínimas que garantem a validade do Sacramento do Batismo, descuidarão, por consequência, da expressividade, dignidade e clareza dos sinais. “Alguns sinais bem feitos poupam muitas palavras de catequese” e comunicam mais que verbalmente o mistério da nossa Salvação.

Referências

- ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALVES, Antonio Aparecido. “A questão da água: uma abordagem ético-social”. in *TQ - Teologia em questão* 4 (2003), Taubaté, p. 7-14.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENTO XVI. *Deus caritas est: Carta encíclica aos Bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos e a todos os fiéis sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Dignitas terrae: Ecologia, grito da terra e grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CÓDIGO de Direito Canônico. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum concilium: Constituição sobre a sagrada liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO. *Instrução geral sobre o missal romano*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium - A alegria do evangelho: Ao episcopado ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- JOÃO PAULO II. *Carta apostólica “Spiritus et Sponsa”* (online), 2003. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2003/documents/hf_jp-ii_apl_20031204_spiritus-et-sponsa.html>. Acesso em: 20 de março de 2018.
- LIBANIO, João Batista. *Olhando para o futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003. (Theologica 9).
- LACOSTE, Jean-Yves. “Mistagogia”. In _____. *Dicionário crítico de*

- teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004, p. 1160-1165.
- MAÇANEIRO, Marcial. “A água nas religiões: sacralidade, vida e regeneração”. In *TQ - Teologia em Questão* 4 (2003), Taubaté, p. 55-60.
- MATOS, Alderi Souza de. *A beleza salvará o mundo* (online), 2013. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/343/a-beleza-salvara-o-mundo>>. Acesso em: 04 de abril de 2018.
- RITUAL ROMANO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- TABORDA, Francisco. “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos”. In *REB - Revista Eclesiástica Brasileira (Sacramentos e evangelização)* 255 (2004), Petrópolis, p. 588-615.
- VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- WEIZENMANN, Mariano. “Águas na vida, águas na Bíblia”. In *TQ - Teologia em Questão* 4 (2003), Taubaté, p. 15-31.